

TRADUÇÃO COMENTADA DO POEMA  
“AGAINST WOMEN UNCONSTANT”,  
ATRIBUÍDO A GEOFFREY CHAUCER



GUSTAVO SARTIN<sup>1</sup>

*Against Women Unconstant*

1 *Madame, for youre newefangelnesse,*  
2 *Many a servant have ye put out of grace.*  
3 *I take my leve of your unstedfastnesse,*  
4 *For wel I woot, whil ye have lives space,*  
5 *Ye can not love ful half yeer in a place,*  
6 *To newe thing youre lust is ay so keene;*  
7 *In stede of blew, thus may ye were al greene.*

8 *Right as a mirour nothing may enpresse,*  
9 *But, lightly as it cometh, so mote it pace,*  
10 *So fareth youre love, youre werkes bereth witnessse.*  
11 *Ther is no faith that may your herte embrace;*  
12 *But, as a wedercok, that turneth his face*  
13 *With every wind, ye fare, and this is seene;*  
14 *In stede of blew, thus may ye were al greene.*

15 *Ye might be shrined, for youre brothelnesse,*  
16 *Bet that Dalida, Criseide or Candace;*  
17 *For ever in chaunging stant youre sikernesse;*  
18 *That tache may no wight fro yuor herte arace.*  
19 *If ye lese oon, ye can wel twain purchase;*  
20 *Al light for somer, ye woot wel what I mene,*  
21 *In stede of blew, thus may ye were al greene.*

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestrando em História e Espaços na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Emilia Monteiro Porto.

“*Against Women Unconstant*” é uma *ballade* (ou balada) de vinte e uma linhas atribuída a Geoffrey Chaucer (c. 1343 – 1400). A *ballade* era uma forma comum na lírica cortesã francesa durante a Idade Média e normalmente consistia em três estrofes, cada uma composta por 8 linhas octosilábicas, rimando ababbcbc. As mesmas rimas ocorriam em todas as estrofes, que terminavam com o mesmo verso.<sup>2</sup> No poema em questão, o autor utilizou apenas sete linhas por verso, o que sugere que, talvez, o último fosse repetido. Teríamos, nesse caso, uma rima ababbcC, onde a maiúscula indica o refrão.

“*Against Women Unconstant*” é escrito no que é hoje chamado de “*Middle English*”, termo que se refere ao conjunto de dialetos que resultaram do encontro do *Old English*, uma língua germânica ocidental altamente flexiva, com a *langue d’oïl* levada para a Inglaterra pelos conquistadores normandos no ano de 1066. As *langues d’oïl*, por seu turno, eram os dialetos neolatinos praticados no norte da França durante a Idade Média, incluindo o antecedente direto do Francês hodierno. Na história da Língua Inglesa, o arco cronológico do *Middle English* vai do ano 1150 até 1500, aproximadamente.

Nossa tradução visou resgatar, para os estudiosos brasileiros das questões de gênero na Idade Média, uma fonte onde, em vez da exaltação da figura idealizada da dama casta, encontramos a crítica à promiscuidade feminina. Preocupamo-nos sobretudo em dar conta da argumentação trazida pelo texto e nos eximimos de qualquer preocupação com rima ou métrica.

Realizamos o trabalho de tradução do poema em duas etapas. Na primeira, vertemos o texto para o *Present-Day English*, o Inglês dos dias atuais; língua que descende diretamente daquela utilizada pelo poeta. Somente depois de realizada esta tarefa é que, a partir do texto resultante, vertemos o poema para o nosso idioma. A decisão de dividir o trabalho em duas etapas decorreu não apenas da ausência de dicionários *Middle English*-Português, mas também pela relação genealógica da língua de origem com o *Present-Day English*. Esta, aliás, em muito facilitou a realização da primeira etapa, uma vez que, dos 106 vocábulos distintos da composição, somente seis (*newefangelnesse*, *woot*, *brothelnesse*, *sikernesse*, *tache* e *wight*) caíram em total desuso. Os outros, a despeito das diferenças de grafia resultantes sobretudo das transformações fonéticas, poderiam ser reconhecidos, ainda que com alguma dificuldade, por muitos dos falantes nativos do *Present-Day English*. Se o vocabulário, *strictu sensu*, não criou maiores dificuldades na primeira etapa, restavam-nos ainda as diferenças gramaticais, as expressões idiomáticas e alguns obstáculos de natureza semântica. Apresentaremos, em seguida, um resumo de como as dificuldades de cada verso foram solucionadas.

---

<sup>2</sup> ANDREW (2006, p. 26).

### A versão em *Present-Day English*

O título original traz o substantivo antes do adjetivo, o oposto não apenas da ordem moderna, mas também da ordem usual àquela época. É provável, assim, que tal inversão seja uma anástrofe, figura de linguagem que consiste na alteração da ordem normal das palavras por motivo de ênfase. O termo “*unconstant*”, ademais, contém o prefixo de negação “*un-*”, sendo que, atualmente, utiliza-se “*in-*”.<sup>3</sup> Hoje em dia, diríamos: “*Against Inconstant Women*”.

Na linha 1, o único termo arcaico é “*newefangelnesse*”, que significava “*fondness for novelty*”,<sup>4</sup> de modo que, modernamente, poderíamos dizer: “*Madam, for your fondness for novelty*”.

A linha 2, apresenta uma inversão entre o verbo auxiliar, “*to have*” e o pronome, “*ye*”. Isso resolvido, diríamos: “*Many servants you have put out of grace*”. Esses “*servants*” não seriam, todavia, realmente serviçais, mas homens apaixonados pela mulher em questão.

Inversões como esta podem ser recursos poéticos, mas, de fato, a ordem das palavras em *Middle English* era menos fixa do que a do *Present-day English*, em função da existência, ainda que em uma forma bastante simplificada, do sistema de casos do *Old English*.

Na linha 3, ocorre o termo arcaico “*unstedfastnesse*”, que corresponde ao moderno “*steadfastness*” antecedido por um prefixo de negação, “*un-*”. Como a associação entre tal prefixo e adjetivo não mais ocorre, optamos por “*lack of steadfastness*”. Diríamos, assim: “*I take my leave of your lack of steadfastness*”.

Na linha 4 encontramos o verbo arcaico “*to witen*”, equivalente ao moderno “*to know*”, na forma “*woot*”, referente à primeira pessoa do singular. Na mesma linha ocorre, também, a expressão “*ye have lives space*”, cujo significado, a princípio, não era claro. A solução para tal dificuldade emergiu da leitura de uma passagem do poema “*De Regimine Principum*”, escrito por Thomas Hoccleve, contemporâneo de Chaucer: “*Hathe to me grauntede an anuitee / Of twenty mark, while that I have lives space*”. No poema de Hoccleve, entende-se que, aos vinte anos, a pessoa, por ser jovem, ainda teria “*lives space*”. Em *Present-Day English*, diríamos a linha 4 assim: “*For well I know, while you have a lot of time to live*”.

Na linha 5, acrescentaríamos a preposição “*for*” para introduzir o período de tempo. Diríamos, então: “*You cannot love in a place for a full half-year*”. A inversão entre “*in a place*” e “*for a full half-year*” segue a lógica do *Present-Day English*, onde seria mais provável dizermos, por exemplo, “*you cannot stay there for a year*” em vez de “*you cannot stay for a year there*”.

A linha 6 não apresenta palavras arcaicas ou dificuldades de entendimento. Diríamos “*To new things your lust is always so keen*”. Cabe notar, contudo, que o advérbio “*ay*” (ou “*aye*”, mais modernamente) é empregado frequentemente em poesia.

<sup>3</sup> No “*Noah Webster’s American Dictionary of English Language*”, de 1828, tal fato é assim registrado: “*UNCONSTANT, a. Not constant; not steady or faithful; fickle; changeable. [Inconstant is now used.]*”. Disponível em: <http://www.1828-dictionary.com/d/word/unconstant>.

<sup>4</sup> “*Newe*” in: MAYHEW, A. L., SKEAT, Walter. *A Concise Dictionary of Middle English*. Oxford: Clarendon Press, 1888. p. 157.

Na linha 7, a maior dificuldade não foi encontrar o equivalente moderno das palavras, mas compreender o significado do que fora dito. No *Present-Day English*, a linha poderia ser: “*Thus, instead of blue, you may wear all green*”. O que significaria, todavia, a referência à cor verde? Depois de alguma pesquisa, descobrimos que, na lírica inglesa medieval, “*to wear all green*”, implicava em associar-se à primavera e ao amor.<sup>5</sup>

Na linha 8, “*right*” está sendo empregado de forma arcaica, na qual equivale ao advérbio “*just*”. Diríamos, assim, “*Just as a mirror that nothing may impress*”.

No *Present-Day English*, diríamos na linha 9, “*as lightly as it comes*” em vez de, simplesmente, “*lightly as it comes*”. Nela ocorre, também, uma inversão, para os registros usuais do *Present-Day English*, entre o verbo auxiliar, “*must*” e o pronome, “*it*”. O verso modernizado ficaria, então: “*But as lightly as it comes, so it must pass*”.

Na linha 10 não encontramos maiores dificuldades. Diríamos, assim: “*So fared your love, as your works bared witness*”. O acréscimo de “*as*” justifica-se porque a segunda parte do verso acrescenta uma explicação à primeira.

Na linha 11 há uma inversão, para os padrões usuais do *Present-Day English*, entre o verbo auxiliar, “*may*” e “*your herte*”. O termo “*faith*”, significando tanto “*religious belief*” quanto “*conviction of belief*”, cria uma ambiguidade desnecessária. Substituindo-o por “*fidelity*”, diríamos: “*There is no fidelity that your heart may embrace*”.

As linhas 12 e 13 não apresentam maiores dificuldades. Diríamos: “*But, as a weathercock that turned his face / With every wind, you fare, and this is sin*”.

A linha 14 repete a número 7.

Na linha 15, nossa dificuldade adveio do termo “*brothelnesse*”, que, à primeira vista, poderia ser tanto “*association with brothels*” como “*likeness to a prostitute*”. O emprego do termo por Chaucer em *Canterbury Tales* sugeriu, todavia, algo diferente. Nas linhas 1279 e 1280 do poema, lê-se: “*On brothil ground they bylde / & brothelnesse They fynde / whan they wene sekyrnesse*”. “*Brothil*” aparece como adjetivo. “*Brothelnesse*”, substantivo derivado daí, é contraposto à “*sekyrnesse*”, grafia alternativa de “*sikernes*”, termo que deriva do latim “*securus*” e equivale ao moderno “*certainty*”. O termo “*brothel*”, em *Present-Day English*, parece ser, portanto, uma sinédoque para “*brothel house*”. A expressão “*on brothil ground*”, por seu turno, parece ser exatamente o oposto da atual “*on firm ground*”.

Ao empregar o termo “*brothelnesse*” para qualificar a mulher em questão, o poeta parece estar aludindo, assim, ao que chamaríamos de “*lack of firmness*”. Poderíamos dizer, então: “*For your lack of firmness, you should be enshrined*”. A inversão, com o sujeito após a vírgula, é importante para tornar cla-

<sup>5</sup> PERCIVAL (1998, p. 57): “*Later he began to see the green of Alceste’s robe as the colour of the beginning of the year, the season of spring and love, and to note the similarity of the myth of the daisy to that of Clytie’s love for Apollo, god of the sun*”. Idem (ibidem, p. 90): “*Along with his green robes, Love’s shining face and crown suggest his sun-like domination of the Spring season, burgeoning with new growth, and his affinity with the heliotropic daisy in particular*”. SCATTERGOOD (2005, p. 52): “*Another couplet is perhaps from a betrayed maiden’s lament, since it exploits the traditional association of willow with forsaken love, and perhaps is meant to contrast ‘wearing the willow’ with the wearing of green garlands by lovers in Maytime*”.

ro o significado da linha 16, onde “*bet*” significa “*better*”. A ideia é que, mais ainda do que as vilãs Dalila, Créssida e Candace, a mulher em questão poderia ou deveria ser lembrada por sua “*brothelness*”. Dalila (a quem o poema se refere, arcaicamente, por “*Dalida*”), a propósito, é a personagem bíblica que seduz e trai o herói israelita Sansão. Créssida, por sua vez, é uma personagem que aparece em versões medievais e renascentistas da Guerra de Tróia, incluindo um poema do próprio Chaucer intitulado “*Troilus and Criseyde*”. A personagem, a despeito de enamorada de Troilo, o filho mais novo do rei troiano Príamo, acabaria por traí-lo com o grego Diomedes. Candace, por fim, é uma referência à lendária rainha Candace de Meroé, que teria seduzido Alexandre o Grande.

Diríamos assim a linha 16: “*Rather than Dalila, Criseide or Candace*”.

Na linha 17, “*stant*” equivale a “*stance*”. Diríamos: “*Your certainty is forever in changing stance*”.

A linha 18 nos causou grande dificuldade. Primeiro porque “*that*”, a princípio, poderia tanto ser pronome demonstrativo como conjunção. O segundo termo, “*tache*”, era um empréstimo da *langue d’oïl* que, nesse contexto, poderíamos traduzir por “*stain*”. O quarto termo, “*wight*”, equivale a “*creature*”. O verbo “*to arace*” é derivado do latim “*e(x)radicare*” (arrancar pela raiz). Diríamos, então: “*May no creature eradicate that stain from your heart*”.

Na linha 19, substituiríamos o termo “*twain*”, já não tão corriqueiro, por “*a couple*”. Assim, diríamos: “*If you lose one, you can well purchase a couple*”. O poeta está a falar, obviamente, dos amantes da mulher em questão.

Na linha 20, “*woot*” é o verbo “*to witen*” na terceira pessoa do singular. Como visto na linha 4, ele equivale ao moderno “*to know*”. Modernamente diríamos: “*All light for the summer, you know well what I mean*”.

A linha 21 repete as linhas 7 e 14. Como era usual nas *ballades*, todas as estrofes terminam com o mesmo verso.

Modernizado, o poema ficou assim:

### *Against Inconstant Women*

- 1 *Madam, for your fondness of novelties,*
- 2 *Many servants you have put out of grace.*
- 3 *I take my leave of your lack of steadfastness,*
- 4 *For well I know, while you have a lot of time to live,*
- 5 *You cannot love in a place for a full half-year,*
- 6 *To new things your lust is always so keen;*
- 7 *Thus, instead of blue, you may wear all green.*
  
- 8 *Just as a mirror that nothing may impress,*
- 9 *But as lightly as it comes, so it must pass,*
- 10 *So fared your love, as your works bared witness.*
- 11 *There is no fidelity that your heart may embrace;*
- 12 *But, as a weathercock that turned his face*
- 13 *With every wind, you fare, and this is sin;*
- 14 *Thus, instead of blue, you may wear all green.*

- 15 *For your lack of firmness, you should be enshrined,*  
 16 *Rather than Dalila, Criseide or Candace;*  
 17 *Your certainty is forever in changing stance;*  
 18 *May no creature eradicate that stain from your heart.*  
 19 *If you lose one, you can well purchase a couple;*  
 20 *All light for the summer, you know well what I mean,*  
 21 *Thus, instead of blue, you may wear all green.*

### A versão em Português

A partir do texto em *Present-Day English* escrevemos a versão em Português. Apresentamos, em seguida, alguns comentários a respeito das principais dificuldades que encontramos.

O título não nos causou maiores dificuldades. Diríamos, em Português: “Contra mulheres inconstantes”.

Na linha 2, “*to put out of grace*” traduziríamos por “desgraçar”, de modo a termos como resultado: “Muitos criados desgraçaste”.

Na linha 3, traduziríamos “*to take a leave*” como “ausentar”. Diríamos, então: “Ausento-me da tua inconstância”.

A linha 4 não nos trouxe maiores dificuldade. Em Português, diríamos: “Pois bem sei que, apesar de teres muito tempo para viver”.

Na linha 5 traduziríamos “*full*” por “completo”, porquanto falar em “meio ano cheio”, empregando o sentido mais usual de “*full*” poderia trazer a ambiguidade da expressão “eu tive um ano cheio” para o verso. Diríamos, então: “Não podes amar em um só lugar por meio ano inteiro”.

Nas linhas 6 e 7 não encontramos maiores dificuldades. Diríamos, então: “Para novas coisas tua luxúria é sempre tão intensa; / Assim, em vez de azul, podes te vestir toda de verde” (lembrando que verde conota a primavera e o amor).

A linha 8 traz a ideia de que nada deixa marcas em um espelho. Diríamos, assim: “Tal qual um espelho em que nada deixa marcas”.

As linhas 9, 10 e 11 não nos causaram maiores problemas. Diríamos: “Mas, tão leve quanto chega, deve passar / Assim se deu o teu amor, como teus trabalhos dão testemunho. / Não há fidelidade que teu coração possa abraçar”.

Na linha 12 traduzimos “*face*” por “cabeça”, pois pareceu-nos estranho falar do “rosto” de um galo, mesmo que de metal, em nosso idioma. As linhas 12, 13 e 14, então, ficaram assim: “Mas, como um galo-do-tempo que virou sua cabeça / Com cada vento, tu viajaste, e isso é pecado. / Assim, em vez de azul, podes te vestir toda de verde”.

A tradução da última estrofe do *Present-Day English* para o Português não nos causou grandes dificuldades. Compusemo-la assim: “Por tua falta de firmeza, debes ser lembrada, / Em vez de Dalila, Créssida ou Candace; / Tua certeza está sempre em estado cambiante; / Que nenhuma criatura arranque tal mancha do teu coração. / Se perderes um, bem podes comprar um par; / Pouco vestida para o verão, sabes bem do que falo, / Assim, em vez de azul, podes te vestir toda de verde”.

### Considerações finais

Segue, abaixo, a íntegra da nossa versão em Português. Como afirmamos anteriormente, ela não traz qualquer preocupação com rima ou métrica. Esperamos, todavia, que nosso trabalho possibilite àqueles que se dedicam às questões de gênero o acesso a um texto que, de outra forma, não lhes estaria acessível.

### Contra mulheres inconstantes

- 1 Senhora, por teu apreço pelas novidades,
- 2 Muitos criados desgraçaste;
- 3 Ausento-me da tua inconstância,
- 4 Pois bem sei que, apesar de teres muito tempo para viver,
- 5 Não podes amar em um só lugar por meio ano inteiro,
- 6 Para coisas novas tua luxúria é sempre tão intensa;
- 7 Assim, em vez de azul, podes te vestir toda de verde.
  
- 8 Tal qual um espelho em que nada deixa marcas,
- 9 Mas, tão leve quanto chega, deve passar,
- 10 Assim se deu o teu amor, como teus trabalhos dão testemunho.
- 11 Não há fidelidade que teu coração possa abraçar;
- 12 Mas, como um galo do tempo que virou sua cabeça
- 13 Com cada vento, tu viajaste, e isso é pecado.
- 14 Assim, em vez de azul, podes te vestir toda de verde.
  
- 15 Por tua falta de firmeza, deves ser lembrada,
- 16 Em vez de Dalila, Créssida ou Candace;
- 17 Tua certeza está sempre em estado cambiante;
- 18 Que nenhuma criatura arranque tal mancha do teu coração.
- 19 Se perderes um, bem podes comprar um par;
- 20 Pouco vestida para o verão, sabes bem do que falo,
- 21 Assim, em vez de azul, podes te vestir toda de verde.

*Tradução de Gustavo Sartin  
ghsartin@gmail.com*

*Fonte: Geoffrey Chaucer. "Against Women Unconstant", in  
eChaucer - [http://www.umm.maine.edu/faculty/necastro/  
chaucer/texts/short/womunc07.html](http://www.umm.maine.edu/faculty/necastro/chaucer/texts/short/womunc07.html)*

**Referências bibliográficas**

- ANDREW, Malcolm. **The Palgrave Literary Dictionary of Chaucer**. Basingstoke and New York: Palgrave MacMillan, 2006.
- FURNIVALL, Frederick J. (ed). **The Cambridge MS of Chaucer’s Canterbury Tales. Part I**. London: N. Trübner & Co., 1868.
- MAYHEW, M. A., SKEAT, Walter W. **A Concise Dictionary of Middle English, from A.D. 1150 to 1580**. Oxford: Clarendon Press, 1888.
- PERCIVAL, Florence. **Chaucer’s Legendary Good Women**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SCATTERGOOD, John. The Love Lyric before Chaucer in: DUNCAN, Thomas, G. (ed.). **A Companion to Middle English Lyric**. Cambridge: DS Brewer, 2005. pp. 39-67.
- WRIGHT, Thomas (ed.). **De Regimine Principum, a poem by Thomas Occleve, written in the Reign of Henry IV**. London: J. B. Nichols and Sons, 1860.